

VIA BRASIL

LUZ, LUZ TROPICAL

No dia 18 de março, sob o pretexto da disputa do Oscar, o jornal Folha de São Paulo editou um caderno especial sobre o cinema brasileiro, permeada por preconceito e desconhecimento.

A premissa do caderno, sustentada pela opinião do editor da Ilustrada Sergio Dávila, é de que o cinema brasileiro é mal feito, mal exibido e mal falado, mas entrou no primeiro mundo por ter disputado o Oscar três vezes nos últimos quatro anos. Ao embaralhar assim realidade e ficção, o editor busca legitimar sua opinião colonizada sobre o cinema brasileiro e acaba por nublar ainda mais um ambiente que está a requerer luz, muita luz tropical

Pautados pelo editor, os outros jornalistas fazem o esforço de demonstrar a tese. Alguns, com menor autonomia, deixam nas entrelinhas do texto pequenas peças que apontam a falsidade da tese que foram postos a defender. Outros, como Inácio Araújo, Amir Labaki e Alcino Leite, expõem o caminho que poderia ter sido seguido para lançar luz ao debate sobre o cinema brasileiro dos nossos dias, se essa fosse a intenção do caderno.

Sem fornecer elementos objetivos para as afirmações que faz, os textos apenas recitam as frases feitas. Primeiro afirmam que o cinema brasileiro é mal feito. Comparam-no com o cinema americano para concluir que não chega aos pés daquele no uso das tecnologias e dos efeitos. Apontam ainda uma vocação intrínseca para a desorganização, desconsiderando as pressões econômicas e políticas que atuaram para interromper os ciclos de “renascimento” do cinema brasileiro. A cantilena é conhecida: “por que nossos filmes não são como os dos EUA?” e “Vejam, os cineastas seguem dependendo da participação do estado para termos um cinema, ao invés de autosustentarem a produção.”

Em seguida, sem atentar que aí talvez estivessem respostas parciais para a primeira questão, afirmam que o cinema brasileiro é mal exibido. Acertam, mas não põem o dedo na ferida, tangenciando o controle do mercado exibidor brasileiro pelo filme norte-americano. Um jornalista chega ao ponto de insinuar possível relação entre a cota de tela nos anos 70 e o fechamento de salas de exibição, ao mesmo tempo que indica a “solução” da parceria com as distribuidoras dos EUA para assegurar mercado ao filme brasileiro. Não diz que só é possível sustentar a produção de cinema no Brasil se nossos filmes forem distribuídos e exibidos nas salas de cinema e nas televisões brasileiras, e que para tanto ainda é necessária a intervenção do estado.

Por fim, afirmam que o cinema brasileiro é mal falado. De fato é, basta ler-se o caderno da Folha ou os textos do seu editor e de alguns dos jornalistas. Esquecem de considerar que o gosto cinematográfico é formado pelo que se vê, tornando feio tudo que difere do padrão. Ignoram ainda os dados que apontam a forte audiência do cinema brasileiro quando exibido na televisão, ou mesmo quando haviam mecanismos que asseguravam a distribuição e a exibição dos nossos filmes.

O cinema brasileiro precisa de luz. O último “renascimento” já está na UTI. Ao invés de estarmos adentrando as salas de cinema do primeiro mundo, estamos desaparecendo das nossas. A ilusão das produções mais recentes fez os orçamentos dos filmes enlouquecerem: 5 milhões, 6 milhões e até 35 milhões, como uma certa produção paulista sobre o descobrimento. A euforia inicial impediu o debate estético e sem ele os novatos não terão referências, a não ser o suposto gosto do público médio: certo cinema norte-americano. Como indica o próprio caderno há 19 filmes prontos a espera de uma sala que os receba em São Paulo, sem falar nos que ficaram apenas uma semana em cartaz ou aqueles que sequer estrearam na cidade ao longo dos últimos quatro anos.

Por isso Luz e não neblina. É hora de revermos o passado e reaprender certas lições de economia cinematográfica esquecidas. É hora de falarmos sobre a necessidade de um forte cinema nacional. Que seja logo, enquanto ainda temos um país.

Manoel Rangel

* Todas essas coisas poderiam ser ditas de uma outra forma: publicando nesse espaço o artigo do Inácio Araújo e Alcino Leite. Mas longe de mim semear a discórdia no seio da redação da Ilustrada.